

As expectativas do Brasil

Texto principal do discurso feito pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, na abertura das comemorações do cinquentenário da Organização das Nações Unidas (ONU):

Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Geral da ONU, Diogo Freitas do Amaral,

Quero expressar o orgulho do Brasil em ver esta histórica sessão presidida por um representante ilustre de Portugal. Há cinquenta anos, os delegados que firmaram a Carta de São Francisco tinham a esperança de que estavam criando um mundo melhor, em que a paz fosse possível graças a instituições capazes de garantir o melhor espírito de cooperação entre os povos.

A ONU, como toda realização humana, assistiu a sucessos e fracassos. Em sua trajetória, porém, algo de muito importante foi preservado: o sentimento de esperança. E agora é tempo de renová-lo.

O que nossos povos esperam hoje de nós? O que esperam que façamos pela ONU?

Tenho certeza de que a estas indagações a resposta é consensual: que a ONU seja a guardiã serena das normas e princípios que regem as relações entre os Estados; que os faça respeitar, garanta seu cumprimento e, assim, dê bases sólidas para a ordem internacional; que disponha de instrumentos eficazes para conciliar partes em conflitos e para preveni-los, bem como para promover formas de desenvolvimento com equidade.

É aspiração de toda a humanidade que a ONU esteja voltada, de modo permanente, para a defesa dos direitos humanos e o combate a todas as formas de discriminação e de tirania.

Senhor Presidente,

Nós vivemos hoje tempos melhores do que há cinquenta anos. O fim da Guerra Fria liberou a agenda internacional das tensões geradas pelo conflito ideológico e propiciou a convergência de valores em torno da democracia, da liberdade econômica e da justiça social.

Abriam-se novos espaços para a cooperação internacional. A série de conferências que a ONU vem patrocinando — sobre o meio ambiente, sobre população, sobre a mulher, sobre direitos humanos, desenvolvimento social — tem como grande tema unificador a busca de padrões dignos de vida, para todos os povos e para cada indivíduo. O progresso humano está, assim, no centro, mesmo, do debate internacional.

Além dos temas dessas conferências, a vida contemporânea representa desafios que merecem a atenção das Nações Unidas. Devemos trabalhar aqui para superar, no marco complexo da globalização, um quadro persistente de desigualdades sociais e econômicas, que geram desesperança e sentimento de exclusão.

Os objetivos do desenvolvimento sustentável não podem ser abandonados. E a linha entre a convicção e a hipocrisia é uma linha tênue, e muitas vezes as palavras, por mais que entusiasmem, não são seguidas de ações. E talvez seja esse o maior desafio a enfrentar, e a enfrentarmos em conjunto: o de que as palavras passemos à ação; de que os países que ainda estão no abandono da pobreza, que ainda têm dificuldades muitas vezes elementares; para fazer frente a seu endividamento, e que ainda são vítimas, ou cujas populações ainda são vítimas de violência e de desrespeito aos direitos humanos, que

eles encontrem, nas Nações Unidas, o símbolo da esperança de que essas situações inaceitáveis, efetivamente, terminem.

Devemos trabalhar, igualmente, para que os progressos extraordinários, trazidos pela ciência e pela tecnologia, se difundam, em benefício de todos. No caso da paz e da segurança internacionais, o papel da ONU será sempre insubstituível. Em outros assuntos, ela nos ajudará a pensar, juntos, a orientar decisões, a criar padrões novos de legitimidade.

Em todos esses temas nossos povos esperam de seus governantes que sejam capazes de um diálogo constante, e orientado por valores verdadeiramente universais, que inspirem as várias instâncias regionais e as nações, individualmente, para a paz, o desenvolvimento e a cooperação.

Cada um de nossos países deve contribuir para que a Organização tenha meios materiais, para poder cumprir as missões que nós mesmos lhe confiamos. Não é admissível que as Nações Unidas estejam atravessando sua pior crise financeira, num momento em que líderes de todo o mundo se reúnem para reafirmar o compromisso com a Carta das Nações Unidas.

Vamos ser francos. Estamos comemorando esse cinquentenário com um sentimento ambíguo: vendo a ONU ser obrigada a procurar expediente para cobrir os imensos déficits, que podem inviabilizar a Organização, precisamente quando melhores são as suas perspectivas. É preciso encontrar uma saída duradoura para esse impasse.

Senhor Presidente,

Hoje eu venho reafirmar o compromisso brasileiro de lutar por uma ONU fortalecida e atuante. Não é um compromisso novo. É um compromisso que consubstancia a História do Brasil nesta Organização, desde a sua fundação, desde quando o Brasil enviou tropas à Europa, para lutar na Segunda Guerra Mundial, pela liberdade e pela democracia. Uma história de participação, de defesa da paz e do desenvolvimento, que nos leva agora a uma disposição de assumir responsabilidades crescentes nas deliberações das Nações Unidas.

Este é o momento de celebrar a reafirmação dos ideais de justiça e paz que há 50 anos levaram à criação desta grande obra do espírito humano, que é a Organização das Nações Unidas.

Para essa celebração, o governo e o povo do Brasil reafirmam a sua disposição de transformar as palavras em atos, e de romper a linha tênue que, como disse há pouco, poderia dar a impressão de que a palavra é hipócrita e que falta a ação.

Convido-os, pois, à ação, e o quanto antes.

Muito obrigado, Senhor Presidente.